A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

EXPEDIENTE

O brinde promettido pela empreza da «Illustração Portugueza» aos seus assignantes, e que consta de uma esplendida gravura, intitulada Á PORTA DOS TOIROS, será distribuido com o numero seguinte.

* * *

Iniciaremos, sem falta, no proximo numero, a publicação de um romance original de Gervasio Lobato, escripto expressamente para este semanario, e que tem por titulo

OS PECCADOS ELEGANTES

SUMMARIO

A QUINTA DE MONSERRATE EM CINTRA

CHRONICA

Eu desadorava os telephones, detestava-os, sentia por elles um odio intenso, entranhado, profundo.

Esta declaração, vibrada sem mais preambulos no cabeçalho de uma chronica, parecerá um tanto prudhomesca e impertinente a quem não souber que tenho a minha alcova paredes meias com a séde das estações telephonicas, a dois passos d'aquelle pandemonio de campainhas estridentes, tres metros abaixo d'aquella complicadissima rêde de fios metallicos, urdida, sem duvida, pelas mãos do proprio Satanaz.

A telephonia electrica era o meu *cauchemar*, o meu enguiço, o supplicio atroz das minhas noites de insomnia, o obstaculo invencivel á placidez dos meus somnos, um impecilho constante ao repouso do meu espirito.

Nos fios conductores que passam horisontalmente sobre a minha cabeça, cruzando-se em todos os sentidos, o sudoeste rijo das noites invernosas toca musicas estranhas e satanicas, ao som das quaes devem tripudiar lá no inferno os diabinhos de todas as côres e de todas as catadura. Uma simples lufada do norte que agite a deshoras aquella trama caprichosa de linhas incommensuraveis e bamboleantes, produz sobre as telhas do meu quarto o effeito horrifico de tremenda e medonha tempestade. A's vezes, pela noite andando, accordo sobresaltado ao estrondear da procella telephonica, e parece-me que vae desabar o mundo, que se abrio a cratera de um volcão nos alicerces do predio, ou que paira no alto do edificio um cyclone devastador prestes a arrebatar-me nas suas garras invisiveis. Não sendo eu dos que mais se apavoram com a ideia pouco feiticeira do ajuste de contas lá em Cima, tenho chegado—sem vergonha o confesso—a tremelicar no aconchego morno do meu leito, diante d'aquelles temporaes desfeitos, preparando-me para bem morrer, em rezas supplicantes e lacrimosas.

Se não fosse a minha gentil visinha defronte, uma dôce morena d'olhos languidos e promettedores, que todas as manhãs me insufla alentos, n'um sorriso crystalino, para supportar nas noites seguintes a musica infernal dos fios malditos, já de ha muito que eu teria ido refugiar-me para um cantinho ignorado e longinquo, onde não fosse perseguir-me a electricidade em qualquer das suas estranhas e brutaes manifestações.

Mas o sorriso da gentil visinha é que me prende, ou antes é que me prendeu até hoje, porque d'ora ávante, graças a um convite da *Edison Gower Bell Telephone Company of Europe*, acho-me perfeitamente reconciliado com os telephones. O que era para mim um enguiço e uma arrelia, passou a ser uma commodidade dulcissima, a mais extraordinaria maravilha do seculo, o invento mais assombroso da sciencia moderna. Agora, até já adormeço embalado suavemente por aquelle sol e dó profundo da enorme guitarra telephonica, parecendo-me escutar em sonhos umas dôces baladas celestiaes. O som vibrante das campainhas electricas affigura-se me um echo mellifluo de marimbas de crystal tocadas por mãos angelicas.

Hurrah pelo telephone!...

E' que eu, ainda que estranho isto pareça, acabo de ouvir pelo inducto telephonico, na rua larga de S. Roque,—sem ter de fazer *toilette* ou de emporcalhar-me nas lamas viscosas do Chiado,—o *Guilherme Tell* que se cantava em S. Carlos. Ouviu-o todo muito distinctamente, muito nitidamente, com symphonia, córos, rondós, recitativos, bailados, arias, tudo, como se o cantassem diante de mim, a dois passos, como se a famosa partitura de Rossini se desenrolasse ali, no ambiente confortavel e tepido da estação central dos telephones, distillando as suas harmonias suavissimas e commovedoras.

Eramos dez os ouvintes: Raphael Bordallo, Antonio Ennes, visconde de Daupias,—que nunca falta a estas coisas,—Accacio Antunes, João Burnay, Melicio, Christovão Ayres, o *Pinturas*, Caetano Alberto e eu. A chuva peneirava lá fóra no asphalto, uma chuvinha miuda, teimosa e traiçoeira, d'aquellas que ensopam até ás carnes sem fazerem barulho. O gerente da Companhia telephonica, um *gentleman* impertigado e correcto, transmittia ordens para o palco de S. Carlos, arrastando um portuguez macarronico cortado d'interjeições britannicas.

—*Vae começa symphonia*, bradou elle gravemente, pelo pino das oito horas e um quarto, convidando-nos a tomar assento em volta de uma grande mesa rectangular, sobre a qual negrejavam, em fundo claro de ramagens azues, quatro caixas telephonicas (chamemos-lhes assim) verdadeiras *boites à surprises*, tendo cada uma d'ellas a sairem-lhe do bojo escuro e immovel, como que dois tentaculos de polvo, por onde haviam de infiltrar-se até ao nosso ouvido as bellas melodias rossinianas.

Instinctivamente, applicámos ás campanulas do tympano o par de tubos maravilhosos, arqueando os antebraços e apoiando os cotovellos sobre o tapete da mesa. Pareciamos todos uns monstros phantasticos e fabulosos, com faiscações satanicas no olhar e sorrisos diabolicos dansando-nos á flor dos labios. Aquelles longos canudos de cautchuc, estreitamente collados ás nossas orelhas, davam-nos o aspecto de pachidermes antediluvianos.

Bordallo Pinheiro que nos perdoe o arrojado simile, mas nunca o vimos tão horrendo. O nosso respeitavel amigo dr. Melicio que nos releve a audacia do confronto, mas nunca a sua respeitabilissima calva nos pareceu tão medonha e o seu nariz tão extraordinario...

A symphonia começára, com effeito. Percebiam-se nitidamente as *fiorituri* dos violinos, o som roufenho do oboé, as vibrações claras e limpidas dos cornetins, os gemidos plangentes dos violoncellos, as pancadas sonoras dos timbales, todas as *nuances* d'aquelle trecho inspirado, que constitue a obra prima do formoso *spartito*. Até se percebeu—affirma-o não sei quem—que rebentára em certa passagem difficil a prima da rebeca do Zenoglio, e que o Del-Negro déra uma fifia na trompa!...

Depois da symphonia, o *frou frou* do panno a subir lentamente; os córos; o vozeirão metallico da corista gorda a destacar-se entre as vozes aflautadas das suas magras collegas; o barytono Devriés a fazer prodigios no bello duetto com o tenor Guille; o tenor Guille a encantar-nos com o seu timbre adoravel, ao lado do barytono Devriés; as palmas, o fremito das ovações... até o ponto, o obscuro ponto, chegou a ouvir-se!

Mais tarde, a voz avelludada e dôce da sr.ª Russell, cantando magistralmente o rondó e o duetto... em seguida a scena formidavel da conjura... no fim do segundo acto as palestras indiscreptas e agaiatadas entre bastidores... a Grassi com zelos da Casati...

Opera, cavaco, ditos picantes, prolegomenos d'uns escandalositos ainda em gestação, fremitos de beijos roubados, confidencias mysteriosas apanhadas no ar, tudo isto nos deu hontem, de graça, a *Edison Gower Bell Telephone Company of Europe*, emquanto a chuva cahia lá fóra, prestando-se a offerecel-o nas noites subsequentes, por oito mil réis, a quem quizer ouvir a Patti, a Devriés e a Sophia Lolli no remanso da sua alcova, por entre o chá de familia.

E não havia de eu reconciliar-me com os telephones, consagrando-lhes esta chronica de pazes?!

Ha, porém, uma coisa que eu lastimo profundamente, uma só:—é que elles não sirvam para ver.

A Russell é tão gentil!... CASIMIRO DANTAS.

HISTORIA DA LEGIÃO PORTUGUEZA

O ATAQUE DE SARAGOÇA

Quando as tropas portuguezas entravam em Hespanha, achava-se esta n'um estado de perturbação que mal a deixava comprehender o que se passava no seu territorio. Jubilosa pela queda de Godoy não via ainda bem quaes haviam de ser as consequencias terriveis da intervenção do imperador dos francezes nos negocios da politica interna, e nos negocios de familia da casa real hespanhola. Não tardou a comprehendel-o quando vio as tropas francezas a atravessar a cada instante os Pyreneos e a occupar todas as provincias de Hespanha. Conservava-se, porém, ao principio, n'um verdadeiro pasmo, e deixava passar, quasi sem fazer reparo, a divisão portugueza, que ia deixando atraz de si, na sua marcha para Salamanca, innumeros soldados, uns rendidos de fadiga pelas marchas violentas a que eram forçados, outros avidos de tornarem á patria, e desertando em massa.

Quando chegaram a Salamanca, já os regimentos portuguezes estavam em condições completamente diversas d'aquellas em que tinham saído de Portugal. Os nove mil homens que compunham a divisão estavam reduzidos talvez a uns seis mil. O 3 de infanteria estava quasi sem soldados, o 3 de cavallaria ficára em Portugal, o 1 partira para França muito antes da legião.

Por aquelles campos da provincia leoneza marchava a nossa legião na seguinte ordem: Rompia a marcha o esquadrão de caçadores a cavallo, seguia-se a primeira divisão, composta do 1, 2 e 3 de infanteria, commandada por D. José Carcome, em seguida a segunda divisão, composta do 4 e do 5, e do 1.º batalhão de caçadores, commandada por João de Brito Mousinho. Fechava a marcha o 2 de cavallaria.

Era admiravel a disciplina dos nossos soldados Desertavam, sim, porque os proprios officiaes, por assim dizer, lh'o consentiam e quasi aconselhavam, porque a deserção era patriotica. Se o marquez de Alorna se resolvesse a retroceder com a divisão para Portugal, encontral-a-ia toda resolvida a acompanhal-o. Mas que iriam elles fazer para Portugal, onde encontravam triumphante e seguro o dominio de Junot? Marcharam, pois, todos em silencio, sem protestarem sequer contra a falta de pagamento, que se fizera sentir desde que tinham saido de Portugal.

Em Salamanca encontraram ordem para marcharem para Valladolid, e em Valladolid para seguirem para Burgos, onde estabeleceram no sitio da Briviesca os seus acantonamentos. A esse tempo estava já a Hespanha em fogo. Os acontecimentos de 2 de maio em Madrid tinham provocado uma insurreição geral, e os Francezes, que não estavam prevenidos contra esta explosão de uma natureza completamente nova para elles, e contra esta insurreição verdadeiramente popular, tiveram no primeiro momento de recuar, depois de verdadeiros desastres, os primeiros que encontrava a aguia imperial no seu curso audacioso.

Em Burgos encontraram-se pela primeira vez os nossos soldados com as verdadeiras tropas imperiaes, com esse grande exercito, que foi, que tinha de ser ainda por uns poucos de annos o terror da Europa. Em Burgos estava o marechal Bisiéres com 10:000 homens, em que entravam uns poucos de regimentos da guarda imperial. Então acharam-se envoltos no circulo de fascinação que espalhava em torno de si o grande imperador, e os militares sentiram uma admiração profunda por essa formidavel potencia militar, desapparecendo, como uma debil unidade, n'aquelle immenso conjuncto do grande exercito, sentindo um pouco d'esse orgulho que enchia então a alma da classe militar, que occupava o primeiro logar no vastissimo imperio francez, ficaram não já por constrangimento, mas por vontade.

As deserções pararam. Estavam já as nossas tropas muito longe da fronteira portugueza, sentiam a impossibilidade de se desaggregarem d'aquella immensa machina de que estavam sendo uma das engrenagens, e não pensaram senão em fazer boa figura ao lado dos seus companheiros de armas, e em levantarem bem alto o nome portuguez.

Os generaes francezes pensaram em internar as nossas tropas em França o mais depressa possivel, por isso deram ordem á legião para que marchasse para Victoria, e seguisse d'ahi para os Pyreneus, mas, quando perceberam bem a nossa indole, quando viram que havia um abysmo entre Portugal e Hespanha, pensaram em aproveitar os nossos serviços, e, tratando-se de cercar Saragoça, deram ordem á legião para que enviasse um destacamento ao corpo de assedio.

Destacaram pois o regimento 5 de infanteria e o batalhão de caçadores a pé, e, collocando esta brigada debaixo das ordens do general Pamplona, mandaram-n'a apresentar ao general Verdier, que commandava o corpo de exercito destinado á tomada de Saragoça.

Não tardou, porém, Pamplona a ser substituido pelo general Gomes Freire de Andrade, que ficára á rectaguarda, tendo obtido de Junot licença de um mez para tratar em Portugal dos negocios da sua casa. Gomes Freire não tinha realmente grande repugnancia em servir nos exercitos imperiaes. Andára muito pelo estrangeiro, servira como voluntario no exercito russo, distinguira-se na tomada de Sczakoff, suppunha Portugal irremediavelmente cingido ao carro triumphal de Napoleão, e realmente, na immensa contenda que então dividia a Europa, e em que os dois adversarios capitaes eram a França e a Inglaterra, elle sentia-se bem mais disposto a pôr a sua espada ao serviço do grande imperador do que ao serviço do rei Jorge.

Os Francezes tambem apreciavam-n'o muito, conheciam a sua biographia militar, sabiam que era um official illustradissimo, e escolheram-n'o exactamente para ser o primeiro elo, que ligasse as tropas portuguezas ás tropas francezas. Reconheceram-lhe o posto de tenente-general, dando-lhe o posto correspondente do exercito francez, o de general de divisão, e, fundindo os dois regimentos portuguezes, que estavam em força de 1:800 homens, n'uma divisão franceza, que tinha ao todo 4:000 homens, deram o commando d'esta divisão a Gomes Freire de Andrade.

Era um acto de optima politica, de que tiraram logo os melhores resultados.

A divisão commandada por Gomes Freire era a divisão do centro. Dias depois da chegada de Gomes Freire, deu-se ordem para um assalto geral. Depois de um bombardeamento terrivel, correram ao assalto. O ponto que Gomes Freire tinha de atacar era de certo o mais forte da linha. As perdas portuguezas eram horrorosas, mas os nossos soldados não recuavam um passo, e ali ficariam todos, se o visconde de Asseca, ajudante de campo de Gomes Freire, não viesse participar, a todo o galope, que os Francezes tinham conseguido entrar na cidade pela brecha da porta de Santa Engracia. Então Gomes Freire corre immediatamente com a sua divisão a coadjuvar os Francezes. Entra tambem pela porta de Santa Engracia, e, penetrando na cidade, encontra-se diante de um edificio lugubre e silencioso — o palacio da Inquisição. Manda arrombar as portas, entra com os seus soldados pelos corredores soturnos, completamente despovoados, porque os inquisidores, com o apparecimento dos Francezes, tinham abandonado o seu ninho de abutres. As coronhas dos nossos soldados arrombam as portas dos carceres, e a luz entra pela primeira vez, depois de seculos, n'aquelles antros sinistros. Por traz da porta chapeada de ferro de uma d'essas masmorras ouvem-se gemidos. Cede ella emfim ás coronhadas das espingardas portuguezas, e Gomes Freire encontra-se em frente de dois desgraçados, quasi mortos de fome, porque havia tres dias que não recebiam o minimo alimento. Eram dois miseros negociantes catalães, que tinham sido presos, havia vinte annos, como pedreiros livres. Gomes Freire restituiu-lhes a liberdade, deu-lhes sustento, e alcançou-lhes depois passaportes para elles se poderem recolher tranquillamente a Barcelona.

Não era uma coincidencia singular esta, que fazia com que fossem Portuguezes, victimas tambem d'essa horrorosa instituição do Santo Officio, os que a extinguiam em Saragoça, os que a Providencia destinava em terra estranha a serem os libertadores das ultimas victimas?

Verdier, entretanto, conferenciando com Gomes Freire, viu que se achava em frente de uma situação completamente nova para um general costumado a guerras regulares. A entrada em Saragoça não lhe entregára a praça. Por traz das muralhas arrombadas e alluidas erguiam-se novos muros; a população preparava-se para se defender nas casas, nas ruas, nos conventos, em todos os edificios. Não estava habilitado para essa lucta o pequeno corpo de exercito do general Verdier, e quando, dias depois, o commandante em chefe viu que entravam na praça, sem elle o poder impedir, reforços e munições, perdeu completamente a esperança de a tomar, e levantou o cêrco.

Estava terminado, de um modo glorioso para os Hespanhoes, o primeiro assedio de Saragoça. Mezes depois começava o segundo cêrco, dirigido por Lannes, e que devia terminar com a tomada da cidade, mas essa segunda defeza, apezar de infeliz, ainda foi mais sublime.

Napoleão reconhecera definitivamente que se enganara com a Hespanha, que a lucta que ali ia travar era a mais terrivel de todas as que emprehendêra. O exercito francez pronunciava o seu movimento de retirada, para depois refluir com mais impeto e mais furia sobre as provincias hespanholas. N'esse segundo movimento, porém, não foi a legião portugueza. Portara-se ella tão briosamente em Saragoça, que sobre 1:800 homens de que se compunha, e que tinham entrado apenas n'um combate, perdera 300 entre mortos e feridos. Contavam-se entre os mortos o major Macedo e o tenente Maggessi. Comtudo, Napoleão entendeu, e entendeu bem, que não era seguro, apezar da incompatibilidade entre os dois povos da Peninsula, conserval-a em Hespanha. Sabia que a insurreição hespanhola encontrava echos sympathicos em Portugal, e via portanto que a nossa legião podia, de um momento para o outro, e inspirada pelo seu patriotismo, passar com armas e bagagens para o inimigo.

PINHEIRO CHAGAS.

Aos pés d'ella, se d'ella não ficára
Um vazio que a idéa não comporta,
Eu, batendo na face, ajoelhára,
Como ao abrir-se d'um sacrario a porta.

Tem nos labios o Verbo que conforta
E o osculo de Deus na fronte clara:
Mytho ideal, que a uma alma semi-morta
Vale mais do que o linho á pedra d'ara.

Prenuncio vago do que não se alcança,
Um nome tem dulcissimo: Esperança!
E não é mais que um doce desespero...

Dia sem luz... hypothese... miragem...
Imagem do deserto... da alma imagem...
Velada... illimitada... E eterna? Espero!

NARCISO DE LACERDA.

NOCTURNO...

Escreve-se por ahi todos os dias a biographia de quanto escriptor tem vivido da penna, de quanto actor tem repetido no palco, com mais ou menos calorosa accentuação as palavras que algum auctor juntasse — ou enfeixasse, como agora dizem para tudo, feixe de pennas, feixe de ideias, feixe de palavras—; tem-se levantado estatuas a todo o comediante social que haja prestado o seu contingente para os progressos da farça publica, um homem apenas foi esquecido, um grande vulto, um grande poeta, um grande philosopho: — o inventor da cama!

Esqueceram-se d'elle!

D'elle, que não se esqueceu de nós! que se occupou do repouso do homem! que attendeu á commodidade do proximo! que quiz para os outros o que cada um quer para si: estar bem deitado!

Não se inventou a cama para o amor nem para o casamento, podem crêr; inventou-se para dormir, e para meditar.

Do leito em que sua mãe o haja concebido, dependem o caracter e o destino do individuo.

Cama solidamente construida proporciona á humanidade creaturas de tempera rija, firme e constante.

Ao passo que, um leito tropego, desengonçado e velho, que verga, range e estala, não alcançará nunca ao mundo senão um ente inquieto, nervoso, phrenetico, infeliz para si e para os mais!

Estar deitado é uma felicidade; estar bem deitado é a felicidade—completa, absoluta, suprema!

A digestão do somno é um dos actos mais indispensaveis á elaboração das ideias. Conhece-se pelo estylo, nos periodos ôccos e palavrosos, nos dispauterios ambiciosos de figurarem de sublimidades, no *tom menor* de querer e não poder dar mais, se o sujeito dormiu pouco, se dormiu de mais, se dormiu mal, emfim...

A dormir se conhece o espirito das pessoas.

Os que dormem de bocca aberta, na attitude de quem esteja extenuado e abatido pela agitação do dia, são, por via de regra, homens de pensamento ou de actividade, commerciantes, typographos, empreiteiros; os que roncam com uma energia petulante são quasi sempre directores, membros de syndicatos, fundadores de azylos; com a lingua de fóra dorme, por via de regra, a gente que não faz nada, ourives, ministros, janotas, deputados, poetas, lentes de declamação ou de philosophia transcendente; de bruços dormem os mendigos, os estudantes e os amanuenses, os desgraçados d'esta terra.

Doces e rapidas como os instantes do ceu, são as horas de quem dorme bem. A carta de quem nos quer, deve lêr-se ao voltar do theatro, quando as janellas da nossa casa estão fechadas, corridos os ferrolhos, a visinhança tranquilla, e tudo a dormir em redor de nós... O relogio de uma egreja faz então soar lentamente as horas, dando-nos a certeza de que nenhum importuno nos visite, nos procure, nos queira vêr...

Na cama se inventa, planeia, medita, resolve o que ha mais serio para a axistencia, para os destinos, assim nos interesses, na gloria, ou no amor! Ali se abobora o drama da rasão.

E não é só o que se medita e planeia, na cama, é tambem o que se observa. O Joseph Pardewe conta nas suas obras varios casos, dos quaes uns correm em verso, feitos em fabulas, e outros mereceriam ir á historia.

Estando, pela manhã, na cama, a lêr, sentiu a modo uma bulhasinha pequenina, semelhante á que fazem os ratos quando andam no que se chama forro do tecto...

Ficou muito quieto, muito quieto, á escuta, sem respirar alto nem nada, e de olho á mira...

N'isto, vê apparecer um rato n'um buraquinho.

Um ratinho pequenito, que espreita, olha, observa, sem fazer rumôr, todo caconço e carapatento, como diria o Gil Vicente...

Depois de haver examinado tudo á sua conveniencia, retira-se.

D'ali a nada, propriamente instantes depois, apparece outra vez, puchando outro rato, por uma orelha, um rato gordanchudo com geitos de rato velho.

Deixa-o logo ali ao pé do buraco.

E, n'isto, vem um ratinho pequerruchinho ter com elle.

Juntos percorrem o quarto...

Vão lambiscando as migalhas de pão da ceia, que haviam cahido da mesa, apanham umas codinhas e as migalhas maiores, e levam-as ao companheiro que tinham deixado abeirado, como agora dizem os classicos do dia, abeirado do buraco.

O homem ficou pasmado.

E bem pasmado.

Isto é, pasmado com muita rasão.

Vêr elle uma attenção d'aquellas, em animaes; e que animaes!

Não cahia em si da maravilha que aquillo lhe fez!

E ahi principiou agora elle de observação ainda mais commemorativa.

—Que historia é esta? scismava. Que diabo de ratice de ratada vem esta a ser?

E todo elle era olhos...

E todo elle ardia a querer adivinhar a a obra...

Veiu então no conhecimento de que o animalsinho ao qual os outros dois levavam de comer, era cego.

Era cego, o rato gordanchudo e velho, e não achava as migalhas que elles lhe davam, senão pelo tacto.

Talvez os ratinhos pequenos fossem fihos d'elle, e andassem por isso mesmo n'aquella lida de olharem pelo pae fielmente e com cuidados constantes no seu bem estar, á maneira da Antigona a acompanhar Oedipo desveladamente desde que elle cegou...

Chegava a ser caso de receiar uma pessoa interromper aquella boa acção, que verdadeiramente fazia honra aos ratos.

Mas entrou não sei quem no quarto: os dois ratinhos deram um guincho para assim pôrem de advertencia o cego, e, apesar do medo em que ficaram, não arredaram d'ali um passo para fugirem, emquanto o rato velho se não pôz em segurança.

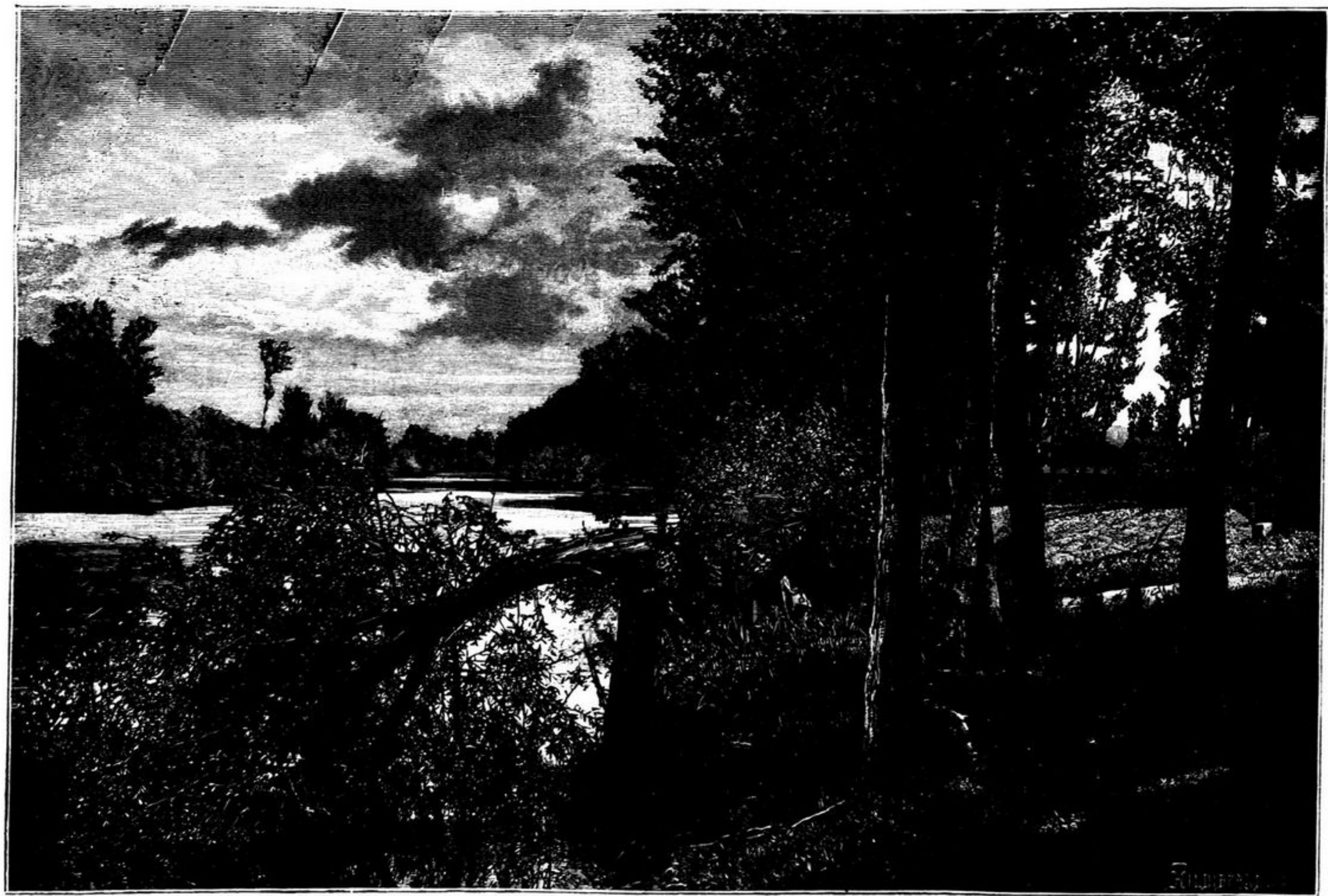
Elle a enfiar-se pelo buraco, e os ratinhos em seguida, a fazerem-lhe costas...

JULIO CESAR MACHADO.

ZOLA

A questão do *Germinal*, de parisiense que era, tornou-se europeia pelo menos, mercê da immensa publicidade jornalistica que é o caracter mais saliente d'este final de seculo, e graças um pouco ao nome prestigioso do sr. Emile Zola. Designadamente, tornou-se uma questão portugueza, tamanha é a reputação tumultuosa,—ora agradavel ora desagradavel,—de que entre nós gosa o illustre escriptor; e n'esta mesma hora em que escrevo, acabo de ler que a *Associação dos jornalistas do Porto* discutiu apaixonadamente a remessa de uma mensagem de appoio ao sr. Zola, condemnando em principio a censura previa. Eis ahi porque me occupo da questão.

Aparte esse motivo da nacionalisação que ella obteve, e que basta para auctorisar entre nós quem a queira julgar com consciencia, eu poderia, talvez, recommendar-me com circumstancias especiaes. Não o faço. Seria reconhecer a legitimidade do argumento de autoridade. Indico-as apenas, como elementos de fiscalisação a um depoimento que quer ser sincero; serão a folha corrida de uma testimunha depondo n'um processo litterario.

Fui eu que traduzi para portuguez o *Germinal*. Antes d'elle, tinha traduzido, por ordem chronologica retrograda, o *Bonheur des Dames*, *Pot-Bouille*, *Une Page d'amour*, *La fortune des Rougon* e *Son Excellence Eugène Rougon*. Cinco d'estas traducções tiveram a publicidade do jornal antes de obterem a consagração mais grave do livro. Nos intervallos d'esses seis volumes, traduzi um acto da *Thérèse Raquin*, uma parte da *Madeleine Férat*, todo o *Attaque du Moulin*, dezenas de contos e de artigos do mesmo autor. E o nome do sr. Emile Zola era inteiramente desconhecido na publicidade portugueza quando publiquei a traducção do *Son Excellence Eugène Rougon*, haverá seis annos. Eramos então quatro ou cinco rapazes que em Portugal sabiamos da existencia de um homem chamado Zola.— Hoje, este nome eguala na celebridade portugueza o mais celebre nome de escriptor portuguez...—Fiz com afinco, com pertinacia, com verdadeira monomania, o proselytismo faccioso d'esse homem. Préguei, como um apostolo, o seu advento e a sua gloria. Luctei por elle contra a má vontade dos editores, contra a repugnancia do publico, e contra a intriga dos romanticos. Metti o seu nome nas minhas conversas e nos meus artigos, a proposito de qualquer coisa e até a proposito de coisa nenhuma,—como se mette uma hostia

ARREDORES DE COIMBRA: — O CHOUPAL

n'um relicario,—entre flores e castiçaes accezos,—e cantei-lhe os hymnos do meu enthusiasmo, queimei-lhe aos seus pés, em thuribulos feitos de phrases admirativas, um incenso distillado de adjectivos pomposos. Durante seis annos,—por todos os meios, em todos os tons, publicando noticias em jornaes, cathechisando editores, convencendo as almas christãs de que a salvação eterna estava em lêr Zola, inventando facecias para desnortear a geração romantica, atarantando a repugnancia do publico com um fogo cruzado de *réclames*, simulando criticas ineptas ao meu heroe para dar em espectaculo ao leitor a justiça triumphante com que as vencia, creando adeptos e aproveitando habilmente os que acudiam ao rumor da batalha, fazendo o prodigio de persuadir um editor a publicar uma traducção que não daria para as despezas, e praticando a extraordinaria maravilha de o persuadir a publicar segunda traducção,—estabeleci Zola no nosso mercado litterario em um pedestal heroico. Nunca nenhum h mem encontrou missionario mais dedicado, nem mais fiel, nem mais faccioso, nem mais cabeçudo. Se eu tivesse dispendido em proveito proprio metade da actividade, da energia, da manha, da teimosia e da tenacidade com que, desinteressadamente, na maxima honestidade de fito artistico e na maior sinceridade de critico, combati em beneficio do sr. Emile Zola, eu seria hoje,...—conforme tivesse applicado essas qualidades á politica ou aos negocios, á burocracia ou ao amor, aos melhoramentos pela minha terra ou á consideração da minha rua,—... seria, emfim, ministro ou director de banco, primeiro official dos Proprios Nacionaes ou Terror-mór dos maridos, deputado pelo meu circulo ou regedor da minha freguezia. Pois bem! eu, em todas aquellas condições, teria tambem prohibido a representação do *Germinal!*...

E' necessario não estabelecer sobre este titulo uma confusão entre o *Germinal*-romance e o *Germinal*-drama. N'este caso da prohibição do *Germinal* pelo governo francez, o sr. Emile Zola só figurou por um exagero de solidariedade e por um excesso de orgulho. O drama não é mais do que um arranjo theatral feito pelo sr. William Busnach, sobre o romance escripto pelo sr. Emile Zola. O sr. Busnach submettera aquella obra poderosissima a um trabalho complicado de thezoura e de grude, fizera d'ella uma peça de theatro com *trucs* e finaes de acto; era o mesmo que tinha feito ao *Assommoir* e á *Nana*. Oh! sim, eu teria tambem prohibido a representação do *Germinal!*

Traduzi este romance, n'uma traducção que ainda ha poucos mezes foi a pedra de escandalo da imprensa indigena. Reprimindo todas as minhas repugnancias de delicado contra as suas rudezas de verdade núa e crua, puz em portuguez,—e dentro d'esse portuguez n'uma linguagem que nunca foi a minha linguagem, n'uns termos que brigavam com os meus instinctos,—esse livro que é o mais assombroso, o mais monumental, o mais altivo e o mais nojento drama da miseria social. Fiz isso contra a opinião publica e contra mim mesmo, pelo amor sagrado da Arte; e de cada vez que a minha penna se levantava do papel, aonde acabava de trocar em portuguez de viella alguma palavra franceza de bordel, eu tinha o impeto instinctivo de quem se quer ir lavar com furia,—a coco e areia,—e tinha o grito abafado de admiração que irrompe dos labios perante a obra de arte soberana, absolutamente bella no seu impudor e na sordidez do seu assumpto. Aquelle livro era com effeito uma obra da mais perfeita honestidade artistica, na mais completa deshonestidade de todas as coisas que aprendemos a respeitar e que no fundo respeitamos, —mesmo quando essa miseravel fanfarronada do mal nos impelle a fazer-lhes troça. Eu devia tel-o traduzido com amor, e depois,—satisfeito esse capricho insalubre de artista,—tel-o deitado fóra com nojo.

O *Germinal* pretende ter a solução da questão social, d'essa questão que ha milhares de annos agita o mundo e as consciencias, sempre irresoluta. E' o combate do capital com o trabalho, e a promessa da victoria proletaria para o seculo que vem. Extraordinaria illusão n'um cerebro tão lucido! E para desenvolver a argumentação da sua these, o autor põe a fabulação do seu romance n'um povo de mineiros. Alli assistimos á miseria, ás luctas de cada hora com a fome, á revolta do trabalhador contra a tyrannia do oiro, á fatalidade sempre renascente da submissão dos humildes perante os poderosos; e como que atravessa todo o livro, na sua paizagem aspera do Norte, negra de carvão sob um ceu negro de fumo, uma aragem caustica de invernia e um terror immoral da fome.

Mas este livro não é precisamente um romance; é antes a monographia do trabalho nas minas de hulha, sob uma fórma larga de epopeia. Nas suas grandes linhas, no agenciamento heroico do seu scenario em que os personagens são mais typos do que homens, o *Germinal* accusa a sobrexcitação de um cerebro que não conseguiu,—mau grado o seu regimen disciplinar na verdade e no positivismo,—obter a perfeita impassibilidade critica e libertar-se das fatalidades da sua origem. O sr. Emile Zola principiou por ser um lyrico,—no periodo cuja crise é marcada pela *Confession de Claude*,—foi mais tarde um realista,—no periodo cuja nota tonica é dada pelo *Assommoir*,—e é emfim um epico,—no periodo em que o *Germinal* apparece. Ha no seu espirito um defeito de visão que o faz ver grande, demasiadamente grande. A sua obra encaminha-se a querer ser o vasto poema do seu seculo e da sua sociedade. O realismo que ainda n'ella existe é um effeito *voulu*,—estudado e voluntarioso,—de simples coherencia critica,—como os effeitos violentados de coherencia politica nos partidarios que principiam a embirrar com o seu partido.

O sr. Emile Zola deve ser estudado nas suas origens e no seu viver para ser comprehendido. E' filho de um engenheiro italiano que se estabeleceu em França, deixando o seu nome ligado a grandes obras de engenharia hydraulica. Entrando na litteratura, arrastou durante largos annos a vida dos incomprehendidos, batendo-se encarniçadamente com a adversidade na sua agua-furtada, combatendo o mais duro combate pela existencia. Quando chegou a triumphar, pelo golpe de audacia do *Assommoir*, as suas antipathias artisticas tinham-se tornado verdadeiros rancores pessoaes, as decepções da vida amargurada tinham-no tornado uma especie de mysanthropo. Tendo alcançado emfim a tranquillidade, sentindo-se no pleno gozo da sua victoria, a sua individualidade litteraria fez uma evolução tal, de compromisso entre as suas profissões de fé e as suas inclinações de poeta latino, que hoje só pode exprimir-se claramente dizendo que o sr. Emile Zola é um engenheiro de romances em grande. São obras de arte as suas,—como certos viaductos. Sente-se n'ellas,—nas suas paginas, nas suas paizagens, na sua disposição,—a potencia do guindaste movendo materiaes enormes, o resfolegar offegante das machinas a vapor fazendo uma dragagem colossal de palavras.

A verdade, completa e franca, é que o realismo de Zola é a coisa mais convencional d'este mundo. Ha na obra d'este homem, sobretudo, uma preoccupação evidente de symetria, que o prejudica. Já na *Page d'amour*, as quatro partes de que se compõe o romance abrem e fecham por um descriptivo de Paris visto de longe, em differentes horas do dia e em diversas condições atmosphericas. No *Germinal*, o primeiro capitulo,—quando Estevão chega ás minas,—é um alvorecer de noite de inverno; o ultimo capitulo,—quando Estevão parte das minas,—é um alvorecer de noite de primavera. Descriptivos soberbos, decerto; mas symetricos, com uma intenção philosophica que se não harmonisa com a naturalidade dos simples phenomenos astronomicos que lhes serviram de assumpto. Um homem que é uma das mais brilhantes glorias do nosso meio scientifico e um espirito critico de primeira ordem, mil vezes mais artista do que muitos que praticam a arte,—o doutor Sousa Martins, a quem eu communiquei as provas typographicas do romance muito antes d'elle estar publicado em Paris,—dava-me nas seguintes palavras, fazendo o gesto de quem levanta em pezo uma grande taça de bronze, a nota pittoresca e viva da impressão que lhe tinham causado aquelles dois capitulos extremos do *Germinal*:

—«São as duas azas de uma bella amphora!...»—

E a sua admiração era sem limites, perante a grandeza epica d'essa perfeitissima obra de arte, e era sem repugnancias, perante as coisas vilmente reaes que ali dentro esfervilham n'um monturo de miseria, como esfervilham vermes na terra que enche o mais delicado vaso de Delft ou de Saxe. Comprehende-se. O homem de sciencia, o clinico, affeito a todas as miserias da dôr e a todos os impudores da vida,—pela enfermaria, pelo amphitheatro de dissecção, pelo espectaculo diario do tumor e da pustula, pela saturação do espirito na torpeza das gangrenas,—não tinha o direito de se revoltar; o que alli se lhe deparava era um caso pathologico como qualquer outro, a analysar impassivelmente, sob o ponto de vista do sabio.

Mas resta saber se o artista, trabalhando evidentemente deante de um publico inteiro, tem o direito de mecher em tudo onde meche o medico, que apenas trabalha deante de um enfermeiro, em defeza d'essa coisa sagrada que se chama a vida...

Isto não é resuscitar a questão byzantina dos assumptos nobres e dos assumptos ignobeis; é constatar que a grande massa do publico pede ao romance a distracção ou o encantamento do seu espirito mais ou menos cultivado. Quando se tem no cerebro o drama que tinha o sr. Emile Zola,—drama de miseria lobrega e de episodios ascorosos,—apesar de tudo verdadeiro e flagrante, concebido na mais alta honestidade que a consciencia do artista pode attingir,—não se faz d'elle um romance:—faz-se um volume de sociologia, um relatorio severo que servirá de depoimento perante aquelles que os problemas sociaes interessam. Não procedendo assim, rubricando como romance esse drama em que a obscenidade,—inevitavel como corollario,—trasborda da urdidura sordida,—fatal como these,—o sr. Emile Zola conferiu ao publico o direito de dizer que fez d'elle um esterquilineo.

De resto, sob o ponto de vista da Arte, o *Germinal* não é um romance,—porque não podemos, para o introduzir na classe, deturpar previamente o sentido e a accepção da palavra. O proprio autor lamentou ha annos, em um dos seus artigos criticos, que essa palavra não tivesse uma succedanea adequada. *Estudo* seria mais correcto, tratando-se de Flaubert ou dos Goncourt; tratando-se de Zola, *poema* é mais justo. Ha n'este homem uma dualidade estranha, equilibrando-se entre a moderna orientação critica e a primitiva fatalidade do legitimo Latino. A maior parte dos seus livros,—os ultimos, com especialidade,—são uma especie de epopeias romanticas. Teem um vago sabor archaico e uma indefinivel envergadura classica, a grandiosidade heroica das obras cunhadas para darem de longe a perspectiva real do seu tempo e da sua sociedade. Ha n'elle qualquer coisa de apologo e de Biblia. Os

A REZ PERDIDA

seus descriptivos não são, como na vida real, o simples scenario em que a acção decorre; são antes,—por uma premeditação de artista querendo arrancar á obra o *maximum* de intensidade impressionista,—o estado mesologico a que corresponde o estado mental do personagem, atravez de um conductor sympathico. Assim, no *Germinal*, Estevão chega, acossado como uma fera, vendo a vida atravez da sua fome:—o ceu é negro, o ar é gelado, os altos brazeiros das vallas reluzem de espaço a espaço na noite, sobre o paiz desolado e preto;—finalmente, Estevão parte, tendo experimentado a sua força de agitador, com uma esperança no fundo da sua ambição politica de operario socialista:—desponta então uma radiosa manhã de primavera, andam perfumes de sol e de flores no ar, um cantar de aves enche a sonoridade cristallina do ambiente...

Não ha nada mais convencional. Dê-se um entardecer de outomno, chuvoso e triste, n'um bairro escuso de velho burgo. Tem acabado de passar lentamente um trem de praça, com o cocheiro encolhendo a cabeça entre os hombros, os cavallos ensopados deixando pender as orelhas. A circulação está paralysada, as casarias estropiadas teem um ar lamentavel, a calçada é lamacenta e negra. Pois bem! Ponha-se no meio d'essa paizagem atroz um homem, patinhando na lama e consultando a lista de Hespanha. De repente, elle descobre que lhe saiu a sorte grande. E n'aquelle meio tão suggestivo de melancholias, o estado de espirito d'aquelle homem deixará de corresponder ao estado da atmosphera. Não ha influencia modificadora da paizagem que resista a um premio de noventa contos.

Foi o *Germinal*, esse magestoso drama em que se agita o mais formidavel problema social de todos os tempos, que o sr. Goblet prohibiu no theatro, cingindo-se ao julgamento da commissão de censura. O sr. Emile Zola, em desforra, tratou-o duramente n'um artigo que tem dado a volta ao mundo jornalistico, e annunciou n'um tom prophetico que *Germinal* matará Goblet. O illustre escriptor affirma que, apezar de tudo, o *Germinal* será representado. Sem duvida... E' mesmo possivel que isso coincida approximadamente com a queda do sr. Goblet, que na sua qualidade de ministro de uma republica occupa a situação mais ephemera do mundo... Mas seja como for:—o sr. Goblet, prohibindo a representação do *Germinal*, esteve pura e simplesmente na logica constitucional do seu cargo de ministro da Instrucção publica, sugeito á dependencia consultiva de uma instituição de censura previa, que a Republica conserva. Cumpriu a lei. Francamente, o sr. Emile Zola não podia exigir que o sr. Goblet, alem de ser um ministro com responsabilidades conservadoras, fosse um artista com velleidades revolucionarias.

Mas affirma tambem o grande escriptor que o publico da primeira representação do *Germinal* exclamará, alludindo á prohibição do sr. Goblet:

—«Ora já era preciso ser asno!»—

Perfeitamente; nem o publico seria publico, se não desse mais essa prova da sua ignorancia em materia de machinismo constitucional. O depositario da autoridade fez comtudo o seu dever, prohibindo a representação de uma peça que, segundo a commissão de censura,—acceite em principio e em detalhe pela lei,—seria a incitação á revolta e á desordem. Pois bem:—eu, que não sou um censor,—eu que sou apenas um artista, vivendo no mais absoluto desprendimento de tudo que não seja a Arte,—declaro, sinceramente e honestamente, em minha honra e consciencia, que a transplantação leal e conscienciosa do *Germinal* para a scena, onde o publico, aliás muito especial, estaria sugeito a essa especie de electrisação que se desenvolve nas multidões, seria com effeito uma obra de incitamento á desordem, á anarchia e á brutalidade.

A peça é obra do sr. William Busnach, o mesmo fanqueiro litterario que extrahiu dramas do *Assommoir* e da *Nana*. Nunca ninguem se lembrou de considerar estas peças como obras de arte; são apenas o aproveitamento,—o aproveitamento industrial, para fallar bem franco,—de obras que já tinham dado em livraria o que tinham a dar. Quando a tarefa do romancista estava concluida,—essa tarefa de artista dirigindo-se a um immenso publico mais ou menos afinado na sua sensibilidade artista,—o sr. William Busnach acudia com uma thezoura e um frasquinho de gomma arabica, talhava á larga n'aquella obra nova e poderosa, que dava bem para uma farpella de occasião a offerecer á escumalha do publico, grudava pedacinhos de dialogo uns aos outros, —e assim fazia a sua tarefa de habil especulador que trabalha em virar fatos usados para ficarem como novos,—tarefa sem gloria, sem arte, e sem dignidade.

N'aquellas peças, o sr. Emile Zola não tem a menor responsabilidade. Elle tinha-se convencido de que nunca triumpharia no theatro, depois de ver a queda dos seus *Héritiers Rabourdin* na terceira noite, a queda do seu *Bouton de Rose* na primeira, e até o definhamento da sua *Thérèze Raquin* ao longo de umas melancholicas representações. Em verdade se iria jurar que a litteratura de theatro é antes um officio que uma arte... Já na scena tinham caido redondamente esses gigantes que se chamam Balzac, Flaubert, Daudet, e os irmãos de Goncourt... D'estes ultimos, a *reprise* da *Arlésienne* salvou-se, em parte pela musica de Bizet e em parte por um phenomeno de protesto artistico da imprensa contra a ordem de coisas estabelecida em theatro; e a *reprise* da *Henriette Maréchal* aguentou-se umas noites em scena, em parte por essa mesma rasão de protesto e de bem entendida camaradagem, em parte como homenagem de enternecida saudade á memoria de um dos irmãos autores, d'esse Julio de Goncourt cujo nome acabava de obter uma resurreição de sympathia na publicação em volume das suas encantadoras cartas intimas. Ao convencer-se da sua impotencia perante essa coisa inferior e complicada que se chama a litteratura dramatica, o sr. Emile Zola limitara a sua responsabilidade a tomar para dramaturgo dos seus romances o sr. William Busnach, como um grande advogado toma para solicitador das suas causas o primeiro salta-pocinhas que lhe apparece. O sr. Busnach faz-lhe a baixa cosinha da sua arte.

E' assim que a *Nana* e o *Assommoir* nos apparecem desfigurados, contorcidos, declamando ao sentimentalismo convencional e á moralidade carimbada das plateias, feitos em melodrama... e em marmellada. Salvam-se, porque agitam um assumpto que acaba de ser o grande acontecimento litterario, ou porque põem na scena uma geringonça nova de scenario,—aquillo que na giria theatral de Paris se chama o *clou*,—ou por ambas essas condições reunidas. No *Assommoir*, eram dois os *clous*:—o quadro da lavanderia, e a quéda do manequim representando Coupeau do alto do seu telhado. No *Germinal*, segundo as indiscripções do noticiario theatral, o grande *clou* seria um quadro da mina de carvão, copiado do natural:—a valla com o seu poço afundando-se até ás entranhas da terra, as immensas gaveas subindo e descendo com cargas de churriões atulhados de hulha, os carreiros e os veios irradiando em todas as direcções atravez do terreno negro e espelhento, as lampadas mortiças dos mineiros cruzando-se umas por outras, o resfolegar da machina a vapor ao longe, o bater do martello tocando a chamar mineiros,—chamando a carniça, como por lá dizem... E isto, seriamente, não é Arte. Quando o publico, tendo assistido n'um tumulto provavel á representação d'essa obra que deverá, para ser a leal interpretação do romance, fazer a apologia do nihilismo,—sair do theatro, a chamar asno ao sr. Goblet, estará longe de suspeitar que não faz n'isso o orgulho do sr. Emile Zola, nem sequer a vaidade do sr. William Busnach,—porque apenas terá feito a basofia do carpinteiro de scena.

BELDEMONIO.

AS NOSSAS GRAVURAS

A QUINTA DE MONSERRATE EM CINTRA

A esplendida quinta de Monserrate, hoje propriedade do sr. Francisco Cook, visconde de Monserrate, fica na estrada que vae de Cintra para Collares, sobre uma collina pittoresca, a curta distancia da quinta da Penha Verde, residencia predilecta do famoso D. João de Castro em remotas eras.

O nome proveiu-lhe d'uma antiga ermida, dedicada sob esta denominação á Virgem, pela piedade do padre Gaspar Preto, no anno de 1540. Com o andar dos tempos a capella foi abandonada e tornou-se n'um montão de ruinas.

O opulento estrangeiro, Gerardo Devisme, que no seculo VIII teve grande nomeada em Lisboa, enamorou-se das bellezas do sitio e mandou construir, proximo da velha ermida, uma esplendida casa de campo, reproduzindo um castello antigo.

Pouco tempo depois, Devisme abandonou Portugal e succedeu-lhe n'aquella formosa propriedade um inglez tambem immensamente rico, chamado Beckford, que tratou d'aformosear ainda mais a quinta de Monserrate.

A aprazivel residencia de Beckford, dotada por elle de bellezas sem conto, tornou-se o ponto de reunião da sociedade elegante e aristocratica d'aquelle tempo, que ali assistio a festins brilhantissimos.

O novo periodo de esplendor e prosperidade da quinta de Monserrate data de 1863. Foi n'esse anno que o abastado negociante inglez, Francisco Cook a comprou por 600 contos, iniciando desde logo, com uma grande actividade, as obras de aformoseamento, que lhe deram o esplendor em que hoje a vemos, e que a tornaram uma das mais opulentas *villas* da Europa.

A quinta de Monserrate tem um sumptuoso palacio, onde se acham accumuladas verdadeiras preciosidades artisticas, e jardins maravilhosos, em que trabalharam mil operarios por dia, no espaço de dois annos.

ARREDORES DE COIMBRA: O CHOUPAL

Uma esplendida gravura de Hildibrand, feita sobre uma bella photographia de Carlos Relvas.

A machina photographica de um e o buril magico do outro

reproduziram fielmente os encantos da deliciosa e soberba paizagem.

Conhece-a, de certo, quem uma vez foi a Coimbra. O Choupal é um verdadeiro eden, feito pelo Creador de molde a inspirar poetas e pintores. Tudo alli nos enleva o espirito, desde o canto dos rouxinoes, que saltitam de ramo em ramo, até ao feiticeiro Mondego, que solta endeixas suavissimas, murmurando queixumes aos pés das arvores frondosas e verdejantes.

Quem ainda não viu o Choupal, póde avaliar pela nossa gravura as bellezas do sitio, um dos mais formosos dos arredores de Coimbra.

A REZ FERIDA

Ansdell, author d'este quadro, foi durante a vida de Edwin Landscer o seu maior émulo. Hoje, que este já não existe, a Inglaterra não possue artista algum que lhe possa ser comparado. Na pintura de animaes, em toda a Europa, tambem nenhuma outra reputação póde ser equiparada á sua.

N'este quadro são tanto para admirar a bondade cheia de tristeza do pastor e a molleza doente do pobre invalido, como o ar sagaz e fiel dos dois companheiros inseparaveis. Acontece ao bom do pastor o que acontece ás mães extremosas: o filho doente é sempre o mais estimado, o que merece mais carinhos, aquelle cuja falta, mais do que a de nenhum outro, não póde ser supprida.

ATELIER PHOTOGRAPHICO DE CARLOS RELVAS

(GOLLEGÃ)

Este bello *atelier*, d'uma reputação verdadeiramente européa, está construido na parte mais alta e pittoresca d'um jardim formosissimo, entre palmeiras, eucalyptus e flôres.

E' alli que Carlos Relvas e sua filha, dois artistas d'*élite*, passam as manhãs preparando magnificos trabalhos photographicos justamente apreciados pelos entendidos, tanto em Portugal como no estrangeiro.

Nos vastos salões do esplendido *atelier*—um verdadeiro primor—encontram-se todos os apparelhos e machinas photographicas modernamente inventadas, a par de riquissimos moveis dispostos com desusada elegancia e requintado bom gosto, de bellas quadros, de vasos magnificos, d'uma infinidade de adornos preciosos.

EGREJA VELHA DE S. FRANCISCO, NO PORTO

O templo que a nossa gravura representa é um dos mais notaveis monumentos do Porto, e, no seu genero, o unico do paiz.

E' gothico, de tres naves, todo revestido de talha dourada. Pertenceu ao convento da ordem de S. Francisco. Foi fundado fóra dos muros da cidade, no anno de 1244, e transferido para o logar onde hoje está, no tempo de D. João I, que principiou a construil-o em 1404. O convento ardeu durante o cerco em 1832.

A egreja pertence hoje á confraria dos terceiros de S. Francisco.

Os andores que esta confraria possue, e costumam sahir na procissão de quarta feira de cinza, são riquissimos

DA ESTUFA AO RESTAURANT...

Que deliciosas coisas elle lhe dissera na estufa!...

As notas do *Danubio azul* coavam-se, como gotas de luz, por entre a folhagem das begonias e dos caladiuns. A baroneza fechava os olhos, enroscada na sua pequena *chaise-longue* de setim preto, mergulhada em rendas, que lhe punham um vago tom aereo de nuvem em torno do busto esculptural, talhado com a maravilhosa harmonia de contornos, digna do cinzel hellenico.

Havia no ar morno um aroma perturbante, a baroneza recordava-se. Fallaram das *Blasfemias* de Richepin, da Judic, da ultima extravagancia da Sarah Bernhardt.

A scena representava-se-lhe com uma evidencia fascinadora.

Uma loucura, que nunca lhe passára pela cabeça!

O culpado fôra, inquestionavelmente, o barão.

Ella quizera retirar-se mais cedo: o marido, encadeado a um rober, instára para que se demorasse.

O visconde, um leão do *sport*, viera solicitar-lhe a honra de uma valsa. Depois, offerecera-lhe o braço, e, inconscientemente, acharam-se na estufa.

A baroneza lembrava-se de puerilidades, que a faziam sorrir.

Havia na estufa uma grande arvore de mimosas, que exhalavam um cheiro capitoso.

As mimosas, de uma alvura nevada, resaltavam, como um enxame de borboletas, do fundo sombrio feito por montanhas de verdura que se alastrava por todos os lados, enroscando-se ao longo das paredes e desdobrando no chão tapetes de relva, picados de florinhas microscopicas como olhitos de gato recem-nascido.

De repente, uma mimosa desfolhara-se, cahindo-lhe no pescoço e rolando até á linha do decote, rucheada de uma renda vaporosa e leve como um floco de espuma.

O visconde ousára pedir-lhe licença para colher a flor, e, sem esperar a negativa, a que a baroneza daria de certo uma inflexão fulminadora, atrevera-se a realisar o seu intento,— o monstro!

Exquisitices dos seus nervos!

N'essa occasião, parecera-lhe que um pequeno satyro de marmore, escondido entre uma floresta de fetos, espreitava atravez das folhagens, soltando um riso escarninho...

O riso prolongou-se-lhe no ouvido, transmittindo-lhe uma sensação dolorosa como uma lancetada...

Decididamente, enlouquecera!

Se a Maria soubesse, ella que tantas vezes acolhera com meias palavras ironicas, impregnadas de malicia, o desafio audaz que a baroneza atirava ás fragilidades das Evas mundanas!...

Oh! mas é que o amor carnal, tal qual o via ostentar-se impudentemente nas salas, nas ruas, nas paginas dos romances, causava-lhe horror.

Nunca, nunca ella perdoaria a queda originada por esses homens vulgares, que encontrava nos theatros e nos bailes, vestidos com uma symetria atroz, fitando as mulheres do alto de um monoculo insolente, tendo phrases de cliché e opiniões de rotina, tendo pontos de vista convencionaes, tendo inflexões assucaradas, de uma feminilidade ridicula, e usando luvas bordadas, polvilhadas de iris, como os *mignons* da epocha dos Valois!

Meu Deus! a baroneza comprehendia as abdicações: estremecia ás vezes, fechando os grandes olhos languidos, sombreados pela franja assetinada das pestanas, ao admittir, hypotheticamente, a possibilidade de descer de um throno, como Maria de Nerbourg, para subir a sarça ardente que conduz ao Sinai da paixão allucinadora.

Mas era preciso que a corôa, ao rolar no pó, fosse erguida por um archanjo, que a arrebatasse nas suas azas de fogo. Mas era indispensavel que o tentador tivesse a aureola de um genio, a eloquencia dominadora de um Deus e a pureza immaculada de um cherubim!

Como encontral-o na terra?

E para que procural-o, se Deus a destinara ás serenas, embora um pouco monotonas, alegrias do *ménage*, ligando-a para toda a vida a um homem correcto, respeitado, escrupuloso em questões de honra, educado na eschola dos maridos modelos, que tratam suas mulheres com a delicadeza melindrosa com que o botanico trata uma flôr de estufa, não admittindo, por principio algum, a burgueza preoccupação de que outro homem possa experimentar um dia, por acaso, o sensual appetite de aspirar a mesma flôr.

O marido nunca lhe déra o que o mundo chama um desgosto, e era esse aperitivo, talvez, que faltava ao grande amor que elle poderia haver-lhe inspirado, no periodo vibrante da lua de mel, em que ella se sentira devorada por uma enorme sede de amar e ser amada, experimentando uma necessidade doida de abandonar-se nos delirios da paixão, entregando-se pela alma, pelo corpo, pelo espirito, por todas as exaltadas sensibilidades do seu temperamento, por todas as refinadas subtilezas da sua phantasia, por todas as suas loucas aspirações a um ideal no amor, feito dos extasis de Petrarcha, dos castos enlevos de Paulo e da sombria e tragica punhalada de Antony!

Cheio d'estas romanescas chimeras, o seu coração voou, sem resistencia, para o noivo que lhe destinaram, certa de que elle corresponderia aos altos destinos de um homem a quem está reservada a dupla missão, profana e divina, de pai de familia-archanjo.

Suspensa dos braços do noivo, a baroneza teve phrases soberbas, de uma explosão dramatica, que Shakspeare não desdenharia, e tremula, palpitante, o olhar perdido na infinita voluptuosidade do sonho, propoz-lhe morrerem ambos no extasis de um beijo, poupando-se ao supplicio de verem desfolhar-se nos attritos da terra a sua branca grinalda nupcial.

O barão que, a principio, no encanto das primeiras caricias, se prestara a representar o papel que lhe distribuiram, esqueceu-se um bello dia da deixa, e, eloquentemente, com a explicita concisão de um cerebro bem equilibrado e de uma lingua bem fallante, declarou á esposa que achava inuteis tantos gastos de rhetorica para o acto trivial e simples de um marido beijar sua mulher, e que se lhe afigurava profundamente ridiculo o casamento, encarado sob o aspecto a que pretendiam submettel-o, de uma novella de mau genero, obrigada a phrases melodramaticas, com intervenção de um suicidio em perspectiva.

A pobre senhora caiu do setimo céo, amparada na queda por um coupé de Binder, no fundo estofado do qual se despediu, rodando ao longo do Calvario do Chiado, das suas queridas illusões

ATELIER PHOTOGRAPHICO DE CARLOS RELVAS (GOLLEGÃ)

perdidas, suspensa no vacuo de um destino mallogrado pelo peitoril de velludo de um camarote em S. Carlos, contorneando-lhe o corpo pungido de invisiveis cilicios, occultos sob o setim maravilhoso, mordido de diamantes, cravando-se-lhe na pelle como pequenas flechas incandescentes.

* * *

Todas estas recordações affluiam confusamente ao espirito da baroneza, turbilhonando como as indefinidas miragens de um sonho...

Depois, revia a estufa, aspirava na claridade azul da manhã, que lhe entrava pela janella, esbatida pelas bambinellas de renda, afogadas em amplas prégas de seda escarlate, o cheiro excitante e quente que lhe subira á cabeça, produzindo-lhe um mal estar inexprimivel, simultaneamente doce e amargo...

Sentia no ouvido a inflexão da voz do visconde, uma voz sonora e meiga, de uma delicadeza rezervada, fazendo valer o fino colorido das palavras e espiritualisando-as na cadencia do rythmo euphonico.

Um espirito superior, esse visconde, conhecendo o precioso segredo de responder ao pensamento de uma pessoa, completando-o; achando, sem difficuldade, e sabendo agital-o, o fio mysterioso que mutuamente enlaça as almas estreitamente identificadas!...

E tinha infantilidades adoraveis, ingenuidades de collegial, puerilidades encantadoras, esse irresistivel, esse leão, invejado por todos os homens e desejado por todas as mulheres!...

Nunca amara, dissera o visconde,—e a baroneza enterrava a cabeça nas almofadas da *chaise-longue*, repetindo, inconscientemente, essas palavras que lhe punham em todo o seu ser uma sensação estranha, de uma intensidade perturbante,—nunca amara porque não tivesse encontrado no mundo a mulher susceptivel de realisar o Ideal no amor, na esphera inaccessivel aos contactos da terra em que o collocara a sua exigente fantasia...

No momento dado, o barão entrou: pedia licença para vir ler o *Figaro* na amavel companhia da sua mulhersinha.

A baroneza estremeceu, um frio glacial percorreu-lhe o corpo; foi como se lhe deitassem na cabeça latejante um duche!

Um horror! o subito aspecto d'esse marido prosaico e obeso, de suissas symetricas, impregnado do odioso cheiro do tabaco, arrancando-a assim de repente, sem transição possivel, ao delicioso paraizo mental para onde ella voara, suspensa das divinas azas da chymera!

O barão largou o *Figaro* e veiu assentar-se na *chaise-longue*.

—Uma proposta, disse, pegando na mão da esposa: a minha mulher abdica hoje, por algumas horas, o seu titulo de baroneza e de senhora; faz-se rapaz e vem jantar commigo ao Restaurant Club. Quer?

—Que tinha perdido o juizo, que a deixasse, que lhe doía a cabeça, que estava muito seccada, que fosse elle, que fosse!

Mas o barão insistiu, implorou, desvaneceu todos os obstaculos, e a baroneza fatigada, sem forças para oppôr maior resistencia, não teve remedio senão annuir, deixando-se conduzir com a resignação desolada de uma victima.

No gabinete contiguo áquelle onde jantavam o barão e a baroneza, as gargalhadas e as rolhas de champagne estalavam; murmurios de palavras, cortadas de risos, cruzavam-se na effervescencia de um jantar intimo, em que os vinhos generosos figuravam profusamente, arrancando pequeninos relampagos, de uma coloração violenta, ás facetas dos crystaes, emquanto as flores, crestadas pelo vapor morno da comida, pendiam murchas das boccas das jarras, exhalando um cheiro acre e desfolhandose na fresca alvura da bretanha.

O barão saiu, para ir fallar a um amigo.

O creado veiu collocar umas flores no *plateau*.

A baroneza, muito nervosa, muito indignada contra o marido pela absurda lembrança que elle tivera de obrigal-a a vir jantar a uma caza de pasto, sujeita a contactos impuros, forçada a ouvir aquellas estupidas gargalhadas que a irritavam, deixarase cair em um fauteuil, fechara os olhos, e entregara-se sem reserva á prestigiosa imagem que havia algumas horas habitava o seu espirito, possuindo-o com a despotica tyrannia de uma idéa fixa.

Se fosse com elle!...

De repente, a porta do quarto onde resoavam as gargalhadas abriu-se, e perante o olhar estupefacto da baroneza passou, em um brusco relance, um quadro profundamente comico.

Aurelina, uma ex-corista da Trindade, esposa de um sapateiro e filha do cocheiro da baroneza, estendia o pé: de joelhos, arrastando-se com o nariz no chão, um homem atava-lhe o sapato.

Era o visconde!

GUIOMAR TORREZÃO.

SEMPRE

Nas tristes horas d'este apartamento
Toda a razão de mim tambem se aparta,
Tanto monta que partas ou que eu parta:
E' sempre egual o duro soffrimento!

Esquecer-me de ti jamais intento;
Pois se de gosos temos a alma farta,
Mais gosos carecemos, que reparta
Com a nossa alma o nosso pensamento.

Triste e cruel destino, que nos chega
Um para o outro quando nos separa!
E como é para nós Fortuna céga!

Lucto, e vencer não penso nem consigo:
Fujo á tua presença que me é cara,
E quanto mais te fujo, mais te sigo!

FILINTO D'ALMEIDA.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

Incommoda no livro, na arvore e na musica este artigo da mathematica—1—1—1—1—1.

ROBINSON.

A base da mulher é macia—1—3.
E' querido d'esta mulher por ser mulher—2—2.
Vegeta o homem por ser homem—1—2.
O galo canta n'esta cidade—2—2.
Dirigo este elemento por ser mulher—2—1.
E' bonita esta senhora e este vegetal—2—2.
Esta preposição exprime este gallinaceo—1—1.

Brazil. EDUARDO R. LEITE.

Da cabeça d'esta mulher sae um homem—1—2.

S. F. J.

EM VERSO

Um rio, caro leitor,
Podes crer que vae achar
Quem a prima consoante
Por outra egual permutar—2.

Se ainda uma consoante
O leitor quizer trocar,
Planta muito conhecida
Ha de depois encontrar—2.

Sem fazer mais alt'rações,
Deve o todo arbusto dar.
E eu dou um doce ao guloso
Que esta charada matar.

MATHEUS JUNIOR.

CHARADA EM M

1 2

M

3 4 5

Em cada um algarismo
Deve a leitora estimada
Pôr uma syllaba, e verá
Como adivinha a charada.

Na primeira e na segunda
Acha coisa bem vulgar,
Que se vê mui facilmente
N'uma noite de luar.

Nas outras vê coisa doce.
Se a prima á terça ligar
Na cosinha, com certeza,
Se quizer me ha de encontrar.

A segunda junta á quarta
E' um peixe mui vulgar.
A segunda junta á mesma
No exercito ha de achar.

A segunda junta á quinta
Tem na chimica logar.
Leitora, toma cuidado
Se a quizeres decifrar!

IGNOTO

LOGOGRIPHOS

Aqui vês certo pontifice—1-2 1—4.
Lá na terra japoneza—6—7—3—4
Uma moeda ottomana—6—2—5.
E uma villa portugueza—8-4—1—2.

Personagem fabuloso
E singular divindade
Adorada pelos Thracios
Nos tempos da antiguidade.

Nome de mulher—12-3—4—9—6—11—12.
Nome de mulher-8—5—3—4-12—6—12.
Nome de mulher—4-7—11—2—12.
Nome de mulher—12—9—11—12.
Nome de mulher—1—7—3—4—2—6—8—12—3-11—12.
Nome de mulher-1—5—10-2—6—12.
Nome de mulher.

J. A. D.

PROBLEMA

Uma pobre mulher, que vende ovos, tropeça e quebra todos quantos leva.
Um individuo, querendo indemnisal-a da perda que acaba de soffrer, pergunta-lhe quantos ovos levava. Ella, não se lembrando do numero, diz-lhe que contando-os 2 a 2, 3 a 3, 4 a 4, 5 a 5, e 6 a 6, resta 1, e que contando-os 7 a 7 não sobeja nenhum.
Pergunta-se quantos ovos levava a mulher?

M. ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS NOVISSIMAS: — Cambaio—Centopeia—Lancha—Polo—Avara—Avelã—Serpente—Samaria.
DAS CHARADAS ELECTRICAS: — Anilina—Arura—Ajol.
DA CHARADA EM QUADRO:

n a v e
a r a s
v a s a
e s a u

DAS CHARADAS EM VERSO: — Cortejo—Barbarica—Crespão.
DOS LOGOGRIPHOS: — Savel —Astrolabio.
DAS PERGUNTAS ENIGMATICAS: — Formosa—Galera.
DO PROBLEMA: — A differença entre o resultado obtido é 35, 350, 3500, etc. conforme são 2, 3, 4, etc. os numeros pensados, é formada de algarismos eguaes aos numeros que se pretendem adivinhar.

UM CASAMENTO

(CONCLUSÃO)

E debalde tentava reagir, evocando os seus arraigados preconceitos contra o casamento, que já agora se lhe affiguravam absurdos e tolos.
Imprevistamente, appareceu-lhe um dia, de chofre, o Alvaro. Vinha pallido, abatido, e nas feições alteradas e decompostas, no olhar febril e espantado, na irresolução anciosa que o dominava, reconbecia-se que algum cuidado extraordinario o preoccupava, ou alguma dôr profunda lhe dilacerava o coração. Na mão tremula, que escaldava, apertou em silencio a mão de Carlos, que o olhava estupefacto, e como este o interrogasse, inquirindo d'elle a causa de tão profunda agitação, respondeu-lhe:

—Sou um desgraçado! Tenho na alma a noite do inferno, e sinto as ideias vacillarem-me no cerebro.
—Mas que extraordinaria fatalidade operou em ti essa transfiguração tão subita?
—Vaes ouvir. Eu, que já descri de tudo, creio ainda na tua amizade, porque creio n'esse affecto profundo e sincero, n'esse laço do espirito e do coração que existe entre dois homens. E porque confio n'essa amizade, d'ella espero que ao menos respeites a minha dôr, deixando á caincada vil a tarefa ignobil de me apedrejar e de me cuspir injurias.
—Mas diz-me o que te succedeu, insistiu Carlos tomado de assombro perante a allucinação tremenda do seu amigo.
—Ouve. Tu sabes quanto eu amava Margarida, como vivia tranquillo e feliz junto d'ella, emballado pela mais completa boa fé, pela confiança mais absoluta, n'uma plenitude de goso que inteiramente me absorvia. Pois bem: essa mulher, que eu julgava um anjo, que parecia rescender o perfume immaculado da innocencia, que eu, na minha cegueira, suppunha incapaz, sequer, de um pensamento menos casto, calcou aos pés os seus deveres conjugaes, menosprezou a dignidade do nome que eu lhe dera e trahiu-me.
Carlos, habitualmente reflexivo e grave, ergueu-se da cadeira, n'um movimento nervoso e rapido, e exclamou:
—Tua mulher! Isso é impossivel. De certo uma suspeita sem fundamento...
—Não. Desgraçadamente, as suspeitas que por muito tempo alimentei, na ancia desesperada do ciume, confirmaram-se. Margarida fugiu-me. Lê essa carta, que ella me deixou, como testamento da sua vergonha e do meu opprobrio.
A carta de Margarida dizia isto:

«Meu amigo—Não se admire do passo que dou. Como julgo inutil lutar contra a fatalidade que nos impelle—á traição incessante, ao fingimento de todos os dias e de todas as horas, prefiro a franqueza, embora criminosa. Era querida e amada, bem o sei; tinha os respeitos e a consideração da sociedade, mas que quer? Esse amor tranquillo e suave, esse frouxel de caricias legaes em que podia reclinar-me, não bastaram á minha organisação impetuosa. Eu só comprehendo o amor que abraza o coração, que põe frémitos nos nervos, que desvaira o espirito; o amor que embriaga e allucina, amor terrivel, criminoso e sacrilego, que leva a romper todos os laços, a atropellar o dever e a lei, e a desprezar os mais sagrados obstaculos. Adeus. Perdoe-me, esqueça-me e lamente-me.

«Margarida.»

Quando acabou de ler, Carlos olhou para o seu amigo e sentiu-se em extremo compungido, avaliando a situação dolorosa d'aquelle homem, que de um sonho alastrado de perfumes e inundado de fulgores, acordava na perfidia de uma mulher, sem duvida terrivelmente sensual e ardente.
—Meu amigo— acrescentou Alvaro—agora que me sinto esmagado ao pezo de tamanha vergonha, e acabo de perder, com essa mulher que eu julgava impolluta e boa, a unica fonte de que podiam manar-me novas condições de vida,—agora só me resta morrer!
Não morreu, felizmente. A morte é o aniquilamento, e nunca deixa de ser sensato aguardar o imprevisto, o inesperado. Foi o que elle pensou, e bem, porque ao fim de seis mezes de uma selecta digressão pela Europa, se não estava inteiramente curado, tinha, pelo menos, acalmado o seu desespero o bastante para regressar a Lisboa agrilhoado e captivo de uma hespanhola fascinante, de olhos negros e vivos e sorriso malicioso e gaiato.
Quanto a Carlos, esse curou-se a tempo do derrancado sentimentalismo que o seu amigo lhe ia pegando por contagio, e sustenta, cada vez com mais ardor, o seu entranhado odio ao casamento. Actualmente anda elle pensando em fazer-se eleger deputado, só com o proposito de apresentar ao parlamento um projecto de lei auctorisando o divorcio, que se lhe afigura medida indispensavel para os esposos fallidos que desejem recomeçar os seus negocios individualmente, sob formas separadas.

MAGALHÃES FONSECA.

AS REFEIÇÕES DOS CHINS E INSTRUMENTOS DE QUE SE SERVEM PARA AS MESMAS

Os chins são, essencialmente, commodistas e systematicos nas suas refeições.
Os generos alimenticios de que, ordinariamente, fazem uso, são:
Gáu iók (carne de vacca) *chi-iók* (carne de porco) *iók mé* (carne de cabrito) *lá-pé-chon* (chouriço de carne) *áp* (adem fresca) *lá áp* (adem salgada) *cái* (gallinha) *cái-con* (frango) *sin-cái* (gallo capado) *san-sine-gui* (peixe fresco) *ame-gui* (peixe salgado) *ame-áp-chane* (ovos salgados) *tine-cái* (rã) *ai* (caranguejo)

ha (camarão) *fane-si* (batata doce) *ólane-si* (batata redonda) e *mái* (arroz).

Hortaliças.

Ca-lan-chói (couve) *fá-chói* (couve flôr) *lók-pák-chói* (nabo) *ame-chói* (hortaliça salgada) *ulan-táu* (hervilha verde) *san-chói* (alface) e *von-cu-á* (pepino).

Fructas:

Chan (laranjas) *chio* (bananas) *sái-cu-á* (melancia) *pá-cu-á* (melão) e *sá-li* (peras).

Vinhos:

Liupune-cháu (feito d'arroz) e *ló-tau-cháu* (feito de feijão).

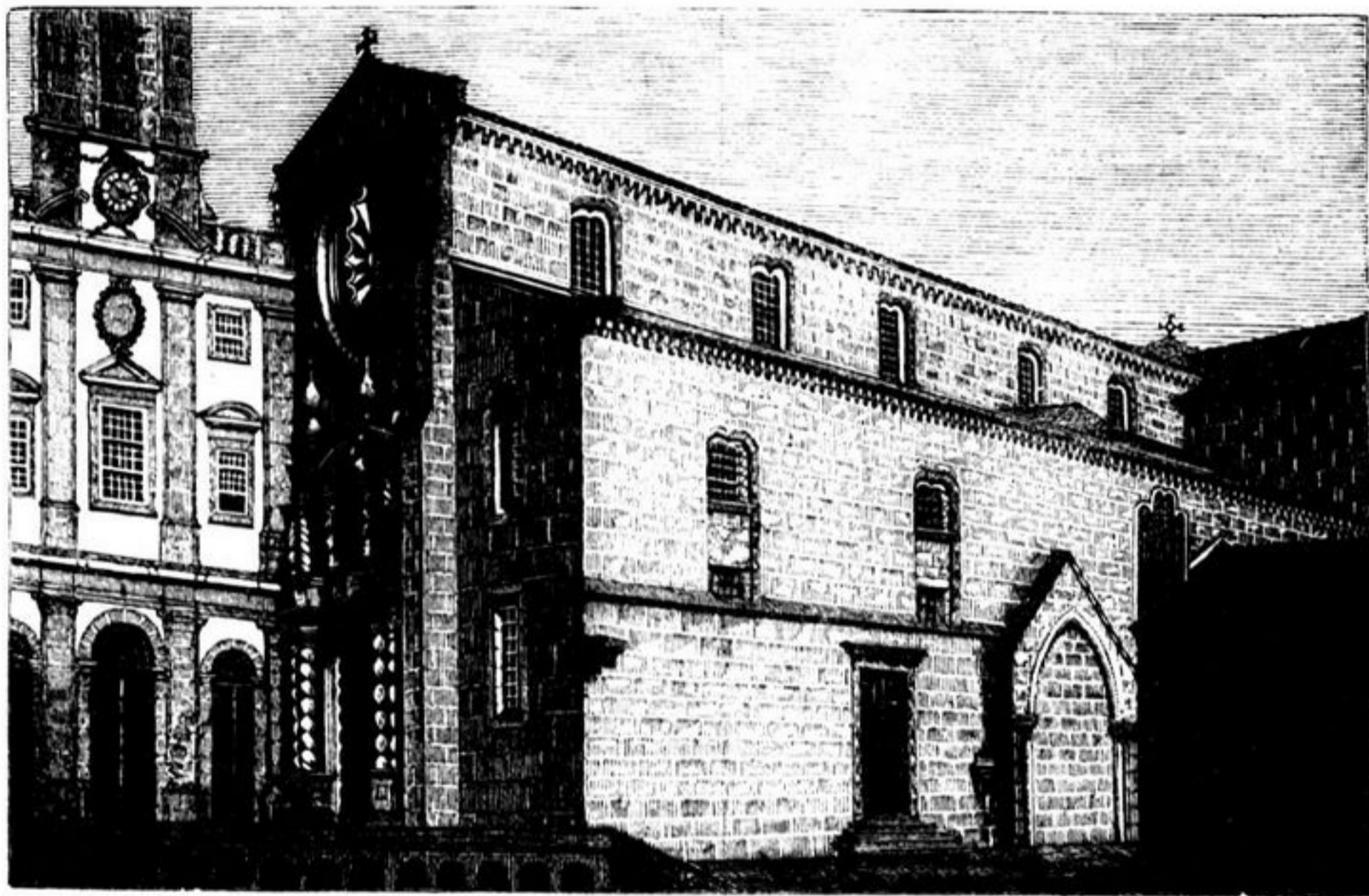
A carne, o peixe, as aves, os mariscos e a hortaliça são, antes de cozinhados, partidos em boccadinhos, de fórma que não seja necessario trincharem-se na *tói*, (mesa) em consequencia de n'ella não apparecerem, segundo o seu invariavel uso, objectos cortantes.

A maior parte das suas iguarias são guisadas, e servem-se para isso de *iao* (azeite) ou *chi-ao*, (manteiga de porco) temperando-as com *chon* (cebolas) *cin-táu* (alhos) *chu* (vinagre) *pak-si-ao* (liquido salgado feito de feijão).

O arroz é simplesmente, cozido em agua, sem tempero algum.

As iguarias depois de promptas são distribuidas em tantos *tip* (pratos) quantas são as suas qualidades, e assim collocadas na mesa; o *mái* (arroz) é conduzido para esta n'um *tom*; (celha de madeira) as fructas em pratos, competentemente descascadas e partidas, e o vinho n'um ou mais *pui-cháu* (especie de bule de louça).

Cada commensal tem, para se servir na mesa, os objectos seguintes:

Um par de *fá-chí* (dois pausinhos com 30 centimetros de comprimento e 5 millimetros quadrados de grossura, pouco mais ou menos, sendo um terço do seu comprimento quadrado e dois redondos: uns são pintados de preto e outros de encarnado. Estes pausinhos constituem o talher dos chins (sem distincção de classes): uma *pui-fane* (chicara de louça com 12 centimetros de diametro e 8 de altura, aproximadamente) que é para n'ella comerem o arroz; uma *pui-chái* (pequena chicara de louça com 3 centimetros de diametro e outros tantos de altura, aproximadamente) que é para por ella beberem o vinho; uma *tip-chai* (pequeno pires de louça com 5 centimetros de diametro, pouco mais ou menos) contendo *pák-si-ao* (liquido salgado feito de feijão) que é para n'elle molharem as differentes iguarias se porventura as não encontram bem temperadas; e uma porção de *sá-chí* (pequenos boccados de papel, que servem de guardanapos, tendo cada um 15 centimetros quadrados) que é para limparem a bocca e os dedos, inutilisando-os depois de terem prestado este serviço.

EGREJA VELHA DE S. FRANCISCO, NO PORTO

Não usam toalhas na mesa.

Todos os commensaes se servem, sem regularidade, das iguarias de que mais gostam, nos mesmos pratos em que vieram para a mesa, pegando n'ellas com os dois *fá-chí*, que collocam entre os dedos da mão direita á maneira de tenaz, os quaes substituem perfeitamente os nossos garfos.

Só tomam vinho ao jantar, tendo o cuidado de não comerem arroz em quanto o bebem; sendo, por tal circumstancia, o jantar dividido em duas partes: na primeira acompanham as differentes iguarias com vinho, e na segunda com arroz.

Para comerem o arroz procedem da forma seguinte:

Encostam ao labio inferior a chicara que o contém e com os dois *fá-chí* conduzem á bocca o arroz que ella comporta.

Acabadas as refeições tomam *chá-ip* (chá sem assucar) nas mesmas chicaras em que comeram o arroz, sem que para isso tenham sido lavadas.

Em seguida vão fumar, uns *ine* (tabaco) e outros *ápine-ine* (opio).

Augusto José do Nascimento Santos.

A RIR

Um infeliz, atacado de bexigas negraes, diz para a sua consorte, que teima em ir vel-o ao quarto:

—Não entres, minha filha, não entres! Deixa só entrar tua mãe, e que ninguem mais venha com ella!

*

Um dito malicioso, mas engraçado, de Aurelien Scholl:

Fallava-se de um escriptor sombrio, e pouco aceiado.

—Tem o espirito negro; disse alguem.

—E o peior é que o espirito se lhe estende até ás unhas acudiu o celebre chronista.

*

Observação d'um bohemio:

—E' notavel! — quanto mais as mulheres se decotam, mais calor sentem... os homens!

UM CONSELHO POR SEMANA

Os residuos da infusão de café podem empregar-se na destruição dos insectos que atacam as plantas, bastando para isso pulverisar-lhes os caules com o café sêco, se os insectos são cauliveros, ou collocar o café junto das raizes, se elles pertencem ao grupo dos radicivoros.

Experimente quem quizer.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado», Travessa da Queimada, 35, Lisboa